

### Risco: educação artística

A educação artística enfrenta o risco de desaparecimento gradual do seu habitat da educação formal ao mesmo tempo que a sociedade civil cada vez mais a reclama, no contexto das instituições que dependem do sucesso dos públicos e dos visitantes. Assiste-se a uma contradição de termos que parece ser originária de uma liberalização cognitiva: este parece ser um paradigma para ficar.

O neo-liberalismo vigente contribui de modo contraditório. Por um lado, diminui as cargas horárias e extingue disciplinas, expulsa os profissionais artísticos da sala de aula: cada vez há menos horas de contacto de educação artística, do ensino do desenho. Por outro lado, a dependência das lógicas de sponsorização obriga os gestores culturais a urdirem estratégias educativas dirigidas a massas cada vez maiores, a convocarem e a reivindicarem posicionamentos formativos, a procurarem implicar e criar mais audiências. O sistema precisa dos alunos que quer reduzir, numa contradição de termos evidente.

O professor de artes, o mediador entre o mundo da arte e a presença educativa vê-se com uma injunção que dele exige uma operatividade quer como pedagogo, quer como artista, integrando várias dimensões numa só, numa incarnação exigente.

A educação artística parece depender da criatividade dos seus agentes, da sua mobilização, do seu entusiasmo, da sua competência mobilizadora: os tempos estão adversos ao conformismo e assim se anotam muitas ações desassossegadas e, cremos, implicasas.

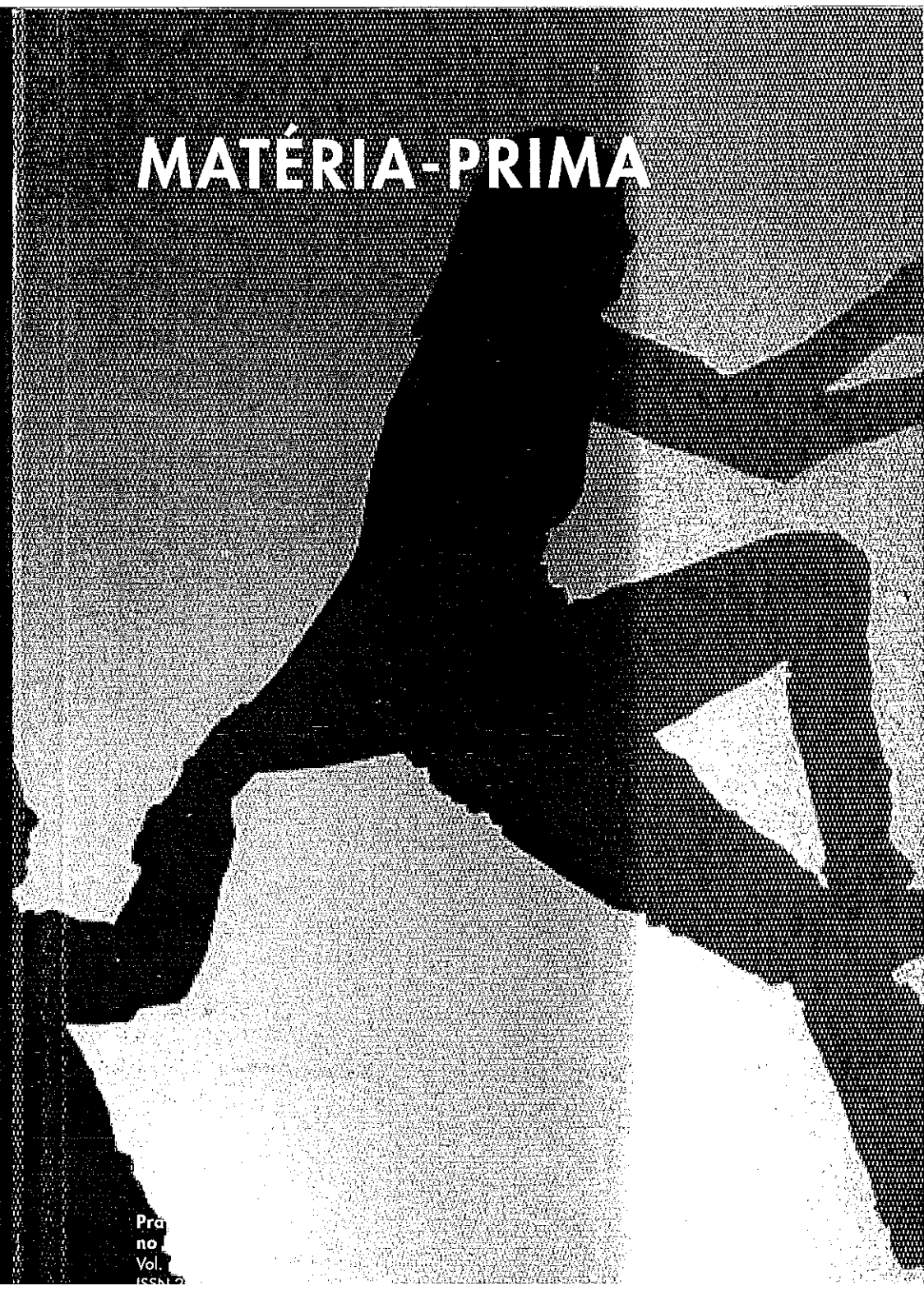
ISBN 978-989-8771-70-4



9 789898 771704 >

Centro de Estudos Artísticos  
da Universidade de Coimbra

# MATÉRIA-PRIMA



Prá  
no  
Vol.  
ISSN

Revista **MATÉRIA-PRIMA**, Práticas Artísticas  
no Ensino Básico e Secundário  
Volume 6, número 1, janeiro-abril 2018,  
ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829  
Ver arquivo em: <http://materiaprima.fba.ul.pt>

Revista internacional com comissão científica  
e revisão por pares [sistema *double blind review*]

Faculdade de Belas-Artes da Universidade  
de Lisboa & Centro de Investigação  
e de Estudos em Belas-Artes

Revista indexada nas seguintes  
plataformas científicas:

- Academic Onefile >  
<http://latincamerica.cengage.com/rs/academic-onefile>
- CiteFactor, Directory Indexing of International  
Research Journals > <http://www.citefactor.org>
- CNEN / Centro de Informações Nucleares,  
Portal do Conhecimento Nuclear LIVREI  
> <http://portalnuclear.cnem.gov.br/livre/initial.asp>
- DOAJ / Directory of Open Access Journals  
> <http://www.doaj.org>
- EBSCO host (catálogo) >  
<http://www.ebscohost.com>
- GALE Cengage Learning — Informe Académico  
> <http://www.cengage.com>
- Latindex (catálogo) >  
<http://www.latindex.unam.mx>
- MIAR (Matriz de información para la evaluación  
de revistas) > <http://miar.ub.edu>
- Open Academic Journals Index  
> <http://www.oaji.net>
- QUALIS 2015: B1 (artes/música)  
> <http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculopublicacao/quals/listaconsultageralperiodicos.jsf>
- ROAD Directory of Open Access Scholarly  
Resources > <http://road.issn.org/en>
- SIS, Scientific Indexing Services >  
<http://indexes.org/>
- SHERPA / RoMEO > <http://www.sherpa.ac.uk>

**Periodicidade:** quadrimestral  
**Revisão de submissões:** arbitragem duplamente  
cega por Pares Académicos  
**Direção:** João Paulo Queiroz  
**Relações públicas:** Isabel Nunes, Teresa Sabido  
**Logística:** Lurdes Santos  
**Gestão financeira:** Isabel Vieira, Carla Soeiro

**Propriedade e serviços administrativos:**  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de  
Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos  
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional  
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal  
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

**Crédito da capa:** x  
**Projeto gráfico:** Tomás Gouveia  
**Impressão:** ACD Print  
**Tiragem:** 250 exemplares  
**Depósito legal:** 361793/13  
**PVP:** 10€  
**ISSN (suporte papel):** 2182-9756  
**ISSN (suporte eletrónico):** 2182-9829  
**ISBN:** 978-989-8771-70-4



**Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:**

**Revista Matéria-Prima**  
Faculdade de Belas-Artes da Universidade  
de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos  
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional  
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal  
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689  
**Mail:** [congressomateriaprima@gmail.com](mailto:congressomateriaprima@gmail.com)



## Conselho Editorial / Pares Académicos

### Pares académicos internos:

ANA SOUSA  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA MARQUES  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

ANTÓNIO TRINDADE  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

ARTUR RAMOS  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

HELENA BARRANHA  
(Portugal, Universidade de Lisboa, Instituto  
Superior Técnico)

ELISABETE OLIVEIRA  
(Portugal, Universidade de Lisboa, Instituto  
de Educação)

ILÍDIO SALTEIRO  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

JOÃO PAULO QUEIROZ  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

JOÃO CASTRO SILVA  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

JORGE RAMOS DO Ó  
(Portugal, Universidade de Lisboa, Instituto  
de Educação)

LUÍS JORGE GONÇALVES  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

MARGARIDA CALADO  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Belas-Artes)

SARA BAHIA  
(Portugal, Universidade de Lisboa,  
Faculdade de Psicologia)

### Pares académicos externos:

ALEXSANDRO DOS SANTOS MACHADO  
(Brasil, Universidade Federal do Vale do São  
Francisco)

ANA LUIZA RUSCHEL NUNES  
(Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa)

ANA MARIA ARAÚJO PESSANHA  
(Portugal, Universidade Lusófona, Escola Superior  
de Educação Almeida Garrett)

ANALICE DUTRA PILLAR  
(Brasil, Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul)

BELIDSON DIAS  
(Brasil, Universidade de Brasília)

CATARINA MARTINS  
(Portugal, Universidade do Porto,  
Faculdade de Belas-Artes)

CHRISTINA RIZZI  
(Brasil, Universidade de São Paulo)

CONSUELO ALCIONI BORBA  
DUARTE SCHLICHTA  
(Brasil, Universidade Federal do Paraná)

ERINALDO ALVES NASCIMENTO  
(Brasil, Universidade Federal da Paraíba)

FERNANDO AMARAL STRATICO  
(Brasil, Universidade Estadual  
de Londrina, Paraná)

IRENE TOURINHO  
(Brasil, Universidade Federal de Goiás)

ISABELA NASCIMENTO FRADE  
(Brasil, Universidade Estadual  
do Rio de Janeiro)

JOCIELE LAMPERT  
(Brasil, Universidade do Estado  
de Santa Catarina)

JOSÉ CARLOS DE PAIVA  
(Portugal, Universidade do Porto,  
Faculdade de Belas-Artes)

LEONARDO CHARRÉU  
(Brasil, Universidade Federal de Santa Maria)

LÚCIA PIMENTEL  
(Brasil, Universidade Federal  
de Minas Gerais)

LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE  
(Brasil, Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul)

MARÍA ACASO LÓPEZ-BOSCH  
(Espanha, Universidad Complutense de Madrid)

MARIA CRISTINA DA ROSA  
(Brasil, Fundação Universidade do Estado  
de Santa Catarina)

MARÍA JESÚS AGRA PARDIÑAS  
(Espanha, Universidad de Santiago  
de Compostela)

MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA  
(Brasil, Universidade Federal de Santa Maria)

MARTA DANTAS  
(Brasil, Universidade Estadual de Londrina)

MIRIAN CELESTE MARTINS  
(Brasil, Universidade Presbiteriana Mackenzie)

PALOMA CABELLO PÉREZ  
(Espanha, Universidad de Vigo)

RAIMUNDO MARTINS  
(Brasil, Universidade Federal de Goiás)

REJANE COUTINHO  
(Brasil, Universidade Estadual Paulista)

RICARD HUERTA RAMON  
(Espanha, Universitat de València)

RICARDO MARÍN VIADEL  
(Espanha, Universidad de Granada,  
Facultad de Bellas Artes)

RONALDO OLIVEIRA  
(Brasil, Universidade Estadual de Londrina)

SANDRA PALHARES  
(Portugal, Universidade do Minho, Instituto  
de Educação)

TERESA DE EÇA  
(Portugal, FBAUP — i2ADS, Instituto  
de Investigação em Arte)

UMBELINA BARRETO  
(Brasil, Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, Instituto de Artes)

## Índice

## Index

### 1. Editorial

### 1. Editorial

11-16

#### Uma educação invisível

#### An invisible education

11-16

JOÃO PAULO QUEIROZ

JOÃO PAULO QUEIROZ

### 2. Artigos originais

### 2. Original articles

18-192

#### Preferencias estéticas en los recorridos escolares: dibujos que dan voz

#### Aesthetic preferences in school itineraries: drawings that give voice

18-26

AMPARO ALONSO-SANZ

AMPARO ALONSO-SANZ

#### A Atividade Artística do Docente como Motivação, Estímulo e Exemplo na Didática das Artes

#### The Artistic Activity of the Teacher as Motivation, Encouragement and Example in Arts Didactics

27-38

DORA IVA RITA

DORA IVA RITA

#### Manipulativos Digitais no 1.º Ciclo: Vamos Aprender?

#### Digital Manipulatives in Primary School: Let's Learn?

39-47

MARIA ALICE SOUSA DIAS GRADÍSSIMO  
& CRISTINA SYLLA

MARIA ALICE SOUSA DIAS GRADÍSSIMO  
& CRISTINA SYLLA

#### Avaliar trabalhos visuais na escola: entre inquietações e experimentações surgem as fichas avaliativas

#### Evaluating visual works at school: Evaluation forms arise from concerns and experiments

48-59

EMANUELE CRISTINA SIEBERT

EMANUELE CRISTINA SIEBERT

#### Percepções da alteridade na visualidade contemporânea: como nos posicionamos diante do Outro em situações distantes da nossa

#### Perceptions of alterity in the contemporary visuality: how we stand before the other in situations far from ours

60-69

VALESKA BERNARDO RANGEL  
& GIZELY CESCONETTO DE CAMPOS

VALESKA BERNARDO RANGEL  
& GIZELY CESCONETTO DE CAMPOS

#### Memes, social videos, infográficos, citações: conteúdos visuais das redes sociais como proposta curricular para as artes visuais no ensino secundário

#### Memes, social videos, infographics and quotations: social media visual contents as a curricular proposition to teaching visual arts in secondary schools

70-83

FELIPE ARISTIMUÑO

FELIPE ARISTIMUÑO

# Preferencias estéticas en los recorridos escolares: dibujos que dan voz

## *Aesthetic preferences in school itineraries: drawings that give voice*

AMPARO ALONSO-SANZ\*

Artigo submetido a 1 de abril 2017 e aprobado a 29 de maio 2017.

\*Universidad de Valencia, Facultad de Magisterio, Instituto Universitario de Creatividad e Innovaciones Educativas, Departamento de Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal, Área de Expresión Plástica. Avda. Tarongers, 4. 46022. Valencia, España. E-mail: m.amparo.alonso@uv.es

**Resumen:** Desde la estética cotidiana, estudiamos las preferencias de escolares (6 y 12 años de edad) de 3 colegios de Alicante (España), en relación al entorno educativo. A través de la Investigación Basada en las Artes Visuales, se muestran medias visuales de los recorridos de estudiantes en sus colegios. Se concluye con las preferencias, desprecios e indiferencias estéticas de la relación entre cuerpo y entorno educativo.

**Palabras clave:** educación artística / escuela / estética cotidiana / cartografía.

**Abstract:** *From everyday aesthetic, we study preferences about educative environment of Spanish students (6 to 12 years old) from 3 schools of Alicante city. Through Visual Arts Based Research, it is possible to show visual average of the students' itineraries at their schools. Finally, it is conclude with the aesthetic preferences, contempt and indifference, between body and environment.*  
**Keywords:** *art education / school / everyday aesthetic / mapping.*

La propuesta forma parte del proyecto de investigación "Estudio de la calidad estética de tres centros educativos" INV\_AE15\_332576, financiado por el Vicerrectorado de Investigación y Política Científica la Universidad de Valencia. En este proyecto observamos la forma en que la arquitectura, la cultura visual y la estética cotidiana configuran un entramado que da cobertura a las condiciones de calidad en las que se desarrollan los procesos de enseñanza aprendizaje.

Centramos nuestro interés en la experiencia estética cotidiana (Light & Smith, 2005; Mandoki, 1994, 2006; Saito, 2007) que se produce en escolares en la relación entre su cuerpo y el entorno educativo.

*Lo vinculado con el cuerpo (o la carne) puede llegar a ocupar un espacio central de las prácticas y discursos educativos, y esa centralidad puede ser interpretada de formas distintas: políticas vinculadas a la liberación corporal o políticas vinculadas al control de dichos cuerpos. Me interesa, entonces, insistir en lo que atraviesa de forma anatómica nuestras vidas configurando nuevas dimensiones y procesos, para poder mostrar un cuerpo que se modela, moldea, forma o deforma en las instituciones educativas (Planella, 2016:43).*

La estética cotidiana escolar puede ser valorada en relación a la experimentación de valores como el orden, la belleza, la limpieza, o sus opuestos; muy vinculados a lo visual. Pero también respecto al bienestar, la versatilidad, la libertad o contrarios como la incomodidad, la inmovilidad, restricción, más asociados a lo corporal. Y esta experiencia se produce en actos recreativos y ordinarios. Porque según Errázuriz-Larraín (2015) el fenómeno estético es cotidiano, relativo a las rutinas diarias y no tiene que ver solamente con lo extraordinario.

Nos interesa recoger la percepción estética del alumnado, la forma en que se relacionan con su espacio educativo y con los elementos que lo constituyen, desde la corporeidad. Concretamente sus formas de moverse y circular por el colegio en relación a sus gustos, pues suponemos que las preferencias por unas estéticas determinadas hacen que se decanten por ubicarse en unas zonas u otras de la escuela. Deste modo podemos hallar lugares poco frecuentados, detectar zonas escasamente atractivas, o reconocer espacios desaprovechados desde el punto de vista educativo.

### Metodología

Apostando por una epistemología etnológica de la observación, valoramos el contacto efectivo con los interlocutores, la representatividad cualitativa del grupo elegido (situando desde esta perspectiva conceptos como el de etnia), la capacidad de generalización (desde la exploración de un caso singular que remite a la elaboración de configuraciones que exceden ampliamente ese único



caso), la legitimidad de la antropología de la contemporaneidad cercana, y la alteridad íntima (Augè, 2000:20-6).

La elección metodológica que se propone es la Investigación Educativa Basadas en Artes Visuales (Marín, 2005; Marín & Roldán, 2008; 2009; 2010) a partir de representaciones gráficas del alumnado para recoger sus opiniones e inquietudes con referencia al espacio educativo que les rodea (Burke, et. al, 2006). Como los participantes son menores, entre 6 y 12 años, proponemos una vía de comunicación complementaria a la verbal: el lenguaje visual. Se trata de recoger las opiniones e inquietudes del colectivo estudiantil, con referencia al espacio educativo que les rodea, a partir de creaciones artísticas. De este modo la estética escolar cotidiana se transfiere plásticamente. Para ello les ofrecemos planos de arquitectura de sus colegios sobre los que interactuar gráficamente.

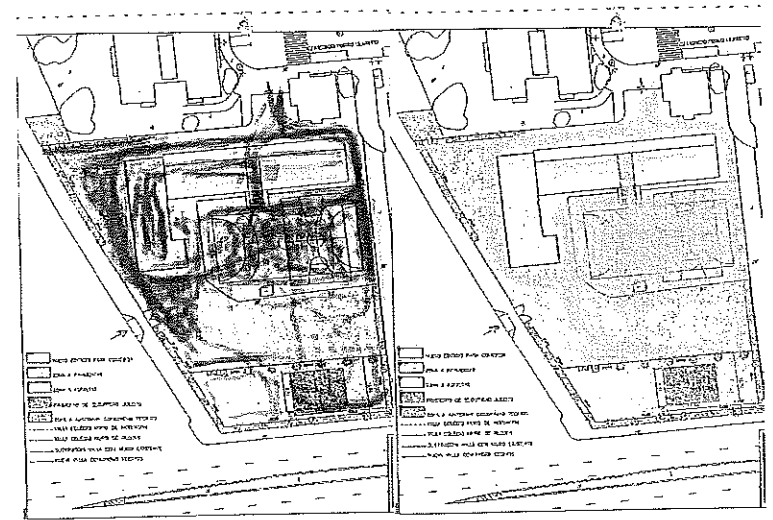
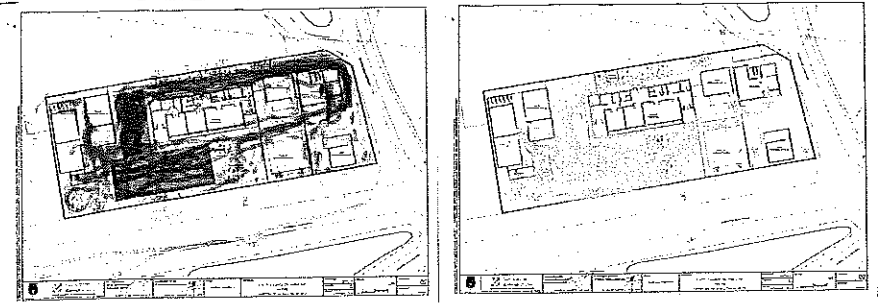
La población con la que se desarrolla el trabajo es el alumnado de Educación Primaria de 3 escuelas a las que nos referiremos como: CEIP CF, CEIP JCA y CEIP MLS. Este conjunto se caracteriza por su carácter plurisocial — en tanto albergan diversos grupos socio-económicos culturales—: una escuela rural de población española y feriantes, una escuela urbana multicultural, una escuela urbana de etnia gitana. Con la participación de un total de 309 estudiantes.

El objetivo de esta investigación consiste en conocer la forma de relacionarse de los escolares con el espacio educativo y con los elementos que lo constituyen. Para ello se les preguntan dos cuestiones ¿qué recorrido es el que más te gusta realizar por la escuela? ¿qué recorrido es el que menos te gusta realizar por la escuela? Y se les pide dibujar en color verde su respuesta positiva y en rojo la negativa. Cada participante dibuja en un ordenador donde se observa el plano de su escuela en planta, y lo hace de forma individual y sin conocer la respuesta de sus pares.

### Exposición de resultados y discusión

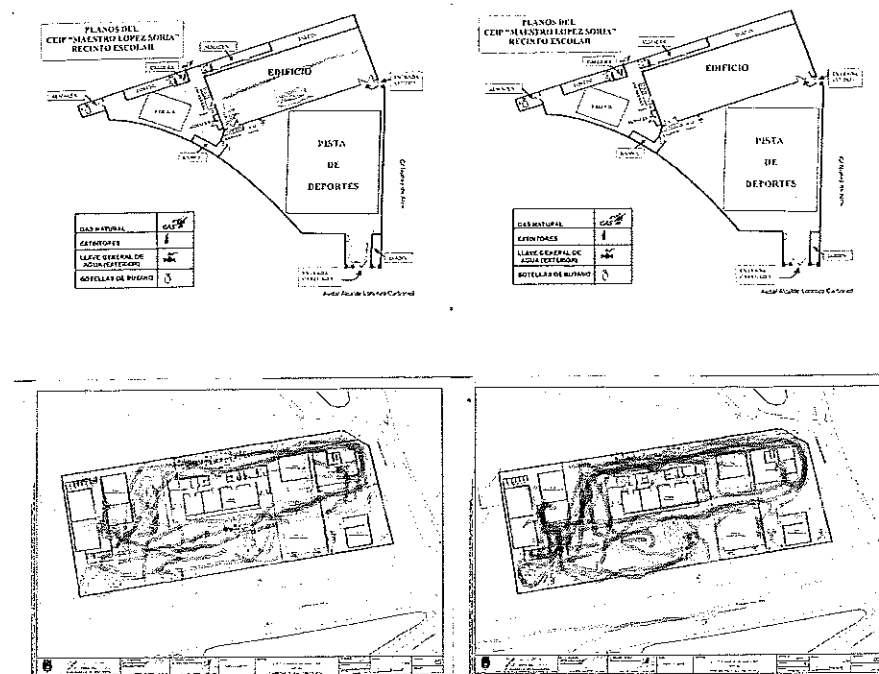
El tiempo dedicado a la convivencia con los escolares, una media de dos meses en cada escuela, favorece la interpretación y discusión de los resultados recabados.

Las respuestas obtenidas en el CEIP CF (Figura 1) muestran una clara preferencia en realizar recorridos por las zonas de juego al aire libre. Se valora la libertad de circulación que ofrece principalmente la zona del patio correspondiente al campo de fútbol donde algunos días también se practica patinaje, en menor medida el campo de baloncesto y la zona trasera de los edificios. Sin embargo no se valora positivamente para hacer recorridos el interior de la escuela, posiblemente este entorno no es tan proclive al movimiento. Por otro lado, las respuestas relativas a las zonas no deseadas para hacer recorridos se



**Figura 1** · Resultados del CEIP CF a través de medias visuales: en rojo el recorrido que menos les gusta realizar en el colegio, y en verde el recorrido que más les gusta realizar.

**Figura 2** · Resultados por sexo del CEIP CF a través de medias visuales: a la izquierda respuestas de chicas, a la derecha respuestas de chicos



**Figura 3** · Resultados del CEIP JCA a través de medias visuales: en rojo el recorrido que menos les gusta realizar en el colegio, y en verde el recorrido que más les gusta realizar.

**Figura 4** · Resultados por sexo del CEIP JCA a través de medias visuales: a la izquierda respuestas de chicas, a la derecha respuestas de chicos

concentran especialmente en la zona trasera de la escuela; una angosto corredor por el que circulan — habitualmente en fila — para ir al comedor desde las aulas, que se encuentra lleno de contenedores de basura, zonas de almacenaje y carente de estímulos visuales atractivos o decorativos. Esta zona norte tampoco gusta como salida de las aulas hacia el exterior de la escuela, o para el ingreso, que preferentemente se realiza por la zona sur. No debemos descuidar las respuestas que rechazan los viales externos por el peligro que conlleva para estas personas caminar junto a una carretera nacional de rápido tráfico, o junto a callejas rurales sin acera ni pavimento. También les disgusta acudir a los baños, pues esta escuela — en origen unitaria — que se ha visto obligada a ampliarse mediante barracones prefabricados (ante la imposibilidad de crecer horizontalmente en la pequeña parcela), dispone unas instalaciones sanitarias con deficientes condiciones higiénicas que hacen que este recorrido se caracterice por su mal olor. Algunas intervenciones en las que se graficaba en rojo un recorrido que atravesaba el campo de fútbol se acompañaron de argumentos relativos a los riesgos que entrañaba recibir un balonazo; por lo que deducimos que los usos y costumbres también condicionan el gusto.

En el CEIP JCA (Figura 3) las respuestas referidas a las zonas internas del colegio resaltan positivamente los recorridos de salida al patio o a la calle desde las aulas o el comedor (en verde), como forma de expansión, relajo o libertad después del horario de trabajo; y destacan negativamente (en rojo) la circulación hacia el comedor desde las aulas. En las zonas exteriores de la escuela la circulación en torno al edificio (en la inmediación a los muros) recibe un similar número de respuestas tanto positivas como negativas, esto se debe a que hay escolares que prefieren rodearlo por la derecha y otros por la izquierda, cuando ingresan desde la zona norte al colegio y acuden al patio para hacer la fila de entrada a las aulas desde el sur. Sin embargo se concentran las respuestas positivas en la zona del patio correspondiente al campo de fútbol, donde algunas respuestas negativas para este mismo espacio se acompañan de comentarios que aluden a los peligros de ser amonestado por quienes dominan esta zona de juego. Y las respuestas negativas, es decir, las zonas detestadas se concentran en el acceso de vehículos al colegio que hay en la zona oeste, pues la entrada de camiones del catering para dar servicio al comedor les impiden jugar seguros y tranquilos en ese espacio. Es curioso observar que la zona sur (un área que sirvió de ampliación al patio escolar hace más de cinco años) continua siendo menos utilizada, y solo se frecuenta como zona de paseo en su periferia, lo que pone de manifiesto que la ausencia de atractivos lúdicos en ella hace que se desaproveche recreativamente. Existe otra concentración de respuestas rojas que rechazan

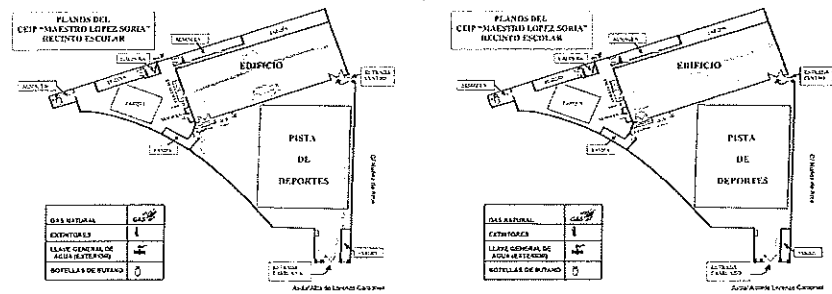


Figura 5 · Resultados del CEIP MLS a través de medias visuales: en rojo el recorrido que menos les gusta realizar en el colegio, y en verde el recorrido que más les gusta realizar.

Figura 6 · Resultados por sexo del CEIP MLS a través de medias visuales: a la izquierda respuestas de chicas, a la derecha respuestas de chicos

el rincón cercano a las ventanas de los baños de infantil debido al mal olor. El CEIP MLS (Figura 5) ofrece dos zonas claramente diferenciadas: el predominio de respuestas positivas en el exterior y de negativas en el interior. La zona del patio, debido a sus reducidas dimensiones es recorrida en su totalidad con gozo, sin la existencia de zonas muertas; y en todo caso algún usuario rechaza el contacto con el vial peatonal próximo o con la avenida colindante. Las zonas interiores del edificio son rechazadas, pues no les agrada recorrer el comedor, el despacho de dirección, o los baños, y solamente disfrutan recorriendo el ancho pasillo.

El cruce de las respuestas según sexos (Figura 2, Figura 4 y Figura 6), visibilizan una mayor preferencia entre los chicos por las zonas centrales de los patios donde se ubican los campos de fútbol. Mientras que las chicas grafían con mayor frecuencia las zonas próximas a los muros como lugares de circulación, excepto aquellas que resultan inseguras o peligrosas. Autores como Miranda, et. al (2015), o Rodríguez Navarro y García Monge (2009) enfatizan la discriminación por razón de género subyacente en estos comportamientos escolares. La prevalencia de deportes practicados mayoritariamente por varones promueven roles de poder derivados de la gestión del espacio; a través de estas actividades los chicos aprenden a imponer sus preferencias sobre las de las niñas; las chicas se mantienen así en la periferia del campo, en los márgenes o la marginalidad aprendiendo a socializarse en lugares pequeños y a aceptar la jerarquización, mientras que prepara a los niños para competir y ocupar los lugares visibles y públicos.

### Conclusiones

Para los escolares consultados, desde la perspectiva de la relación corporal con el entorno para realizar recorridos, las preferencias estéticas de se focalizan en: los espacios abiertos como patios donde existan estímulos lúdicos o naturales, que ofrezcan libertad de movimientos o circulación, y sean seguros. Los desprecios estéticos se concentran en: lugares malolientes, zonas angostas, comedor, espacios peligrosos, o entornos de normativización. Las indiferencias estéticas, desde la perspectiva del movimiento, se configuran en torno a lugares de la escuela donde queda manifiesto que prevalece el comportamiento estático, como las aulas o salas interiores.

Urge repensar en las instituciones educativas la forma de control de los cuerpos desde la obediencia, normalización, uniformización y normativización; a favor de un uso y disfrute estético de todas las áreas desde la posibilidad del movimiento libre, seguro y placentero.

## Referencias

- Augè, M. (2000). *Los "no lugares" espacios del anonimato. Una antropología de la Sobremodernidad*. Barcelona: Gedisa. (Edic. orig. en francés, 1992)
- Burke, C., Gallagher, C., Prosser, J., y Torrington, J. (2006). The view of the child: Explorations of the visual culture of the made environment. In *Economic and Social Science Research Council (ESRC) Conference on Pupil Voice*, Nottingham, UK.
- Errázuriz-Larraín, L. H. (2015). Calidad estética del entorno escolar: el (f)actor invisible. *Arte, Individuo y Sociedad*, 27(1), 81-100. [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_ARIS.2015.v27.n1.43861](http://dx.doi.org/10.5209/rev_ARIS.2015.v27.n1.43861)
- Light A. y Smith J. (2005). *The Aesthetic of Every Day Life*. Columbia: University Press.
- Mandoki, K. (1994). *Prosaica, Introducción a la Estética de lo Cotidiano*. México: Editorial Grijalbo.
- Mandoki, K. (2006). *Estética Cotidiana y Juegos de la Cultura*. México: Siglo XXI Editores.
- Marín, R. (2005). La "Investigación Educativa Basada en las Artes Visuales" o "Arteinvestigación educativa". En R. Marín (Ed.), *Investigación en Educación Artística* (pp. 223-274). Granada: Editorial Universidad de.
- Marín, R. y Roldán, J. (2008). Imágenes de las miradas en el museo. Un fotoensayo descriptivo- interpretativo a partir de H. Daumier. En R. de la Calle y R. Huerta (Eds.), *Mentes Sensibles. Investigar en Educación y Museos*. (pp. 97-108). València: Publicacions de la Universitat de.
- Marín, R. y Roldán, J. (2009). Proyecciones, tatuajes y otras intervenciones en las obras del museo (Un fotoensayo a partir de T. Struth). *Arte, Individuo y Sociedad*, 21, 99-106.
- Marín, R. y Roldán, J. (2010). Photo essays and photographs in visual arts-based educational research. *International Journal of Education through Art*, 6 (1), 7-23. DOI 10.1386/eta.6.1.7\_1
- Miranda, N., Larrea, I., Muela, A., Martínez de Lagos, A. y Barandiaran, A. (2015). Mejora del espacio exterior escolar desde la participación comunitaria. *Segunda Época*, 4(7), 161-168.
- Planella, J. (2016). De cuerpos, carnes y pedagogías. Travesías corporales en la educación actual. En R. Huerta y A. Alonso-Sanz (Eds.), *Educación artística y diversidad sexual*, (pp. 43-59). Valencia: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Valencia.
- Rodríguez Navarro, H. y García Monge, A. (2009). Asimilación de códigos de género en las actividades del recreo escolar. *Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado*, 64 (23, 1), 59-72.
- Saito, Y. (2007). *Everyday Aesthetic*. Oxford University Press.